

O MITO DE MACUNAÍMA: UMA PROPOSTA SOBRE A IDENTIDADE BRASILEIRA

Renata BACALINI⁶³

Resumo

Neste trabalho apresentaremos uma proposta sobre a interpretação do ser brasileiro baseada na construção do representante do país como ser mitológico. Para isso, começamos a análise examinando a noção do mito para identificar a importância dele na construção do Brasil e na sua formação.

No trabalho pesquisaremos sobre os mitos emblemáticos do pensamento social brasileiro e desenvolveremos a proposta do autor modernista Mário de Andrade sobre a interpretação cultural da identidade brasileira proposta com o mito de Macunaíma.

O ponto central do trabalho é a pesquisa da interpretação da construção da personagem criada pelo autor e a análise da constituição da figura do herói como representante do ser brasileiro.

Abordaremos alguns pontos de trabalho sobre a personagem de Macunaíma como: a origem etimológica do nome, seus traços, características e ações principais, seu processo de formação como homem, sua vinculação com o herói clássico, sua relação com o resto das personagens do livro, entre outras, com o objetivo final de observar que tipo de construção realiza Mário de Andrade sobre o imaginário da identidade brasileira.

Resumen

En este trabajo presentaremos una propuesta sobre la interpretación del ser brasileiro basada en la construcción del representante del país como ser mitológico. Para conseguirlo, comenzaremos el análisis examinando la noción de mito para identificar su importancia en la construcción y formación de Brasil.

En el trabajo investigaremos los mitos emblemáticos del pensamiento social brasileiro y desarrollaremos la propuesta de autor modernista, Mário de Andrade, sobre la interpretación cultural de la identidad brasileira propuesta con el mito de Macunaíma.

El punto central del trabajo es la investigación de la interpretación de la construcción del personaje creada por el autor y el análisis de la constitución de la figura del héroe como representante del ser brasileiro.

Abordaremos algunos puntos de trabajo sobre el personaje de Macunaíma como: el origen etimológico del nombre, sus rasgos centrales, características y acciones principales, su proceso de formación como hombre, su vinculación con o héroe

⁶³ Universidad Nacional de Rosario - UNR - CONICET

clásico, su relación con el resto de los personajes del libro, entre otras; con el objetivo final de observar que tipo de construcción realiza Mário de Andrade sobre el imaginario de la identidad brasileira.

O mito

Neste ponto tentaremos mostrar a idéia de mito com a qual trabalharemos. É complexo oferecer um significado do termo, já que existem diferentes interpretações sobre o mito e pode ser abordado desde diferentes perspectivas. Para começar, pensaremos a ideia do mito desde seu significado etimológico. A palavra remete à cultura grega e ao termo *mythos*, que foi traduzido como memória, lembrança, pensamento, representação, etc.

Com o surgimento da filosofia o sentido do mito foi oposto ao logos e se começou a pensar o mito como algo falso e enganoso. Nosso estudo tem como eixo outra perspectiva de mito, que vai surgindo desde o romantismo com a interpretação simbólica do mito como forma de voltar aos tempos remotos da humanidade, os tempos originários, para conhecer melhor a natureza do homem. Esta acepção será apresentada por antropólogos nos estudos de compreensão do homem primitivo, primeiro por Bronislaw Malinowski (1974), quem a partir de seu trabalho de campo nas ilhas de Trobriand de Melanesia, explica a importância da influência do mito nessas sociedades; e por Claude Lévi-Strauss (1990), que examina uma interpretação estruturalista do mito e explica seu labor intelectual para pensar os problemas do homem e solucioná-los.

No século XX, o filósofo Mircea Eliade contribui na análise e desenvolvimento do termo e tenta estabelecer os pontos centrais sobre sua concepção. O autor do livro *Mito y Realidad*, escolhe uma definição para o mito que é muito geral:

La definición que me parece menos imperfecta, por ser la más amplia, es la siguiente: el mito cuenta una historia sagrada; relata un acontecimiento que ha tenido lugar en el tiempo primordial, el tiempo fabuloso de los «comienzos». Dicho de otro modo: el mito cuenta cómo, gracias a las hazañas de los Seres Sobrenaturales, una realidad ha venido a la existencia, sea ésta la realidad total, el Cosmos, o solamente un fragmento: una isla, una especie vegetal, un comportamiento humano, una institución. Es, pues, siempre el relato de una «creación»: se narra cómo algo ha sido producido, ha comenzado a *ser*. Los mitos revelan, pues, la actividad creadora y

desvelan las acralidad (o simplemente la «sobre-naturalidad») de sus obras. En suma, los mitos describen las diversas, y a veces dramáticas, irrupciones de lo sagrado (o de lo «sobrenatural») en el Mundo. (ELÍADE, 1991: 125)

Ronald Barthes, em seu livro *Mitologías*, estabelece que o mito é formado por um esquema tridimensional composto por significante, significado e signo. O esquema apresentado é complexo porque o significante do mito se apresenta ambigualmente: é sentido e forma cheio de um lado e vazio do outro. Pela duplicidade de significante (sentido e forma ao mesmo tempo) produz diferentes tipos de leituras: uma significação literal, o mito como impostura, e uma leitura ambígua. Sobre isso o autor acredita que:

La primera es cínica, la segunda es desmitificante. La tercera forma es dinámica, consume el mito según los fines propios de su estructura: el lector vive el mito a la manera de una historia a la vez verdadera e irreal. (BARTHES, 1999: 137)

Para pensar a obra *Macunaíma* como mito do ser brasileiro, além do exposto, levamos em conta o significado antropológico do termo, já que consideramos que é uma narrativa que propõe uma solução imaginária para conflitos, tensões e contradições que não podem ser resolvidos a partir da realidade.

No Brasil o mito surge como uma maneira de esconder uma realidade e, por sua vez, de revelar uma realidade própria de uma sociedade, e se utiliza para estabilizar a ordem.

A construção da identidade brasileira

Nosso interesse é analisar o uso do mito na formação sociocultural brasileira. Na construção da identidade brasileira encontramos diferentes interpretações do país, que podemos exemplificar a seguir com alguns mitos:

O mito do gaúcho: presente no período do romantismo na obra de José de Alencar no livro *O gaúcho*, na obra de Caldre e Fião em *O corsário*, e na obra de Apolinário Porto Alegre em *O Monarca das Coxilhas*. Este mito é retomado por Simões Lopes Neto nos Contos Gauchescos. Um traço central do romantismo foi a procura de uma literatura nacional para o Brasil. Para consegui-la, os autores mencionados trabalharam com a

figura do gaúcho como herói do país. Simões Lopes Neto retoma essa figura, mas supera o mito e a transforma em personagem literário.

O mito da democracia racial brasileira: presente no livro *Casa-Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, a partir da formação do país como cultura luso-tropical. Freyre tenta apresentar uma solução para os diferentes padrões culturais mostrando o Brasil como multirracial - com três raças que constituem o povo brasileiro -, como afirma Reis:

Freyre não fala quase de futuro; ele fala mais de passado, de identidade brasileira consolidada. Nessa identidade, ele integra índios e negros retrospectivamente - a identidade singular brasileira é a da mistura de raças e culturas sob a liderança portuguesa. (REIS, 1999: 81)

O mito do Bandeirante: a figura do bandeirante se constrói como mito representante do Brasil através dos livros didáticos e dos manuais escolares que contribuem para a disseminação de relatos lendários. Ele foi configurado como um ser sobrenatural e caracterizado pela responsabilidade de expandir geograficamente o território brasileiro.

O mito de Jeca Tatu: personagem criado por Monteiro Lobato no século XX como um representante do povo brasileiro. Encontramos por primeira vez esta figura em 1914 no artigo “Velha Praga” no jornal O Estado de São Paulo, onde se mostra como um trabalhador rural caracterizado pela preguiça e a impossibilidade de adaptação à civilização, como síntese das doenças do país e denúncia do atraso brasileiro. Com o transcurso dos anos, a personagem se transforma até virar em Zé Brasil, trabalhador explorado num país submetido.

O mito do homem cordial: criado por Sérgio Buarque de Holanda no livro *Raízes do Brasil* (1936), onde destaca o traço do brasileiro de comportamento de amizade:

A contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade - daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro. (146)

O mito de Macunaíma

No livro *Macunaíma, um herói sem nenhum caráter*, Mário de Andrade tem o objetivo de escrever sobre sua preocupação e percepção sobre a cultura nacional, para isso abarca diferentes tipos de recursos e pensa o Brasil como síntese de todos os modos de ser brasileiro. O autor trabalha com a mistura de elementos, a polifonia, as falas do Brasil, expressões do folclore do país, a desgeograficação, a antítese, etc. Mas neste trabalho vamos analisar concretamente a construção da figura do herói como representante do ser brasileiro.

O mito de Macunaíma começa apresentando o paradigma brasileiro das três raças, com a ideia de retrabalhar a problemática da heterogeneidade do país e de criar a diferença do ser brasileiro. O livro expõe a construção cultural a partir da diversidade.

Mário de Andrade começa a construção do povo brasileiro como um palimpsesto já que podemos pensar na hipótese de Broderston (1997) quando afirma que

Distintas en origen, idioma y forma de escritura, las literaturas del Cuarto Mundo piden ser interpretadas como capítulos de un mismo libro, el cual además de pautas de mitos interpolares contiene diagramas físicos de la historia y la cosmogonía. A su vez, este libro adquiere unidad funcional como el palimpsesto de las literaturas angloamericanas y latinoamericanas." (423)

O autor faz referência ao fato de reescritura dos livros, já que, como outras obras do período, Macunaíma retrabalha as lendas do livro de KochGrünberg *Von Roraima zum Orinoco: Ergebnisse einer Reise in der Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913*, segundo volume dedicado aos mitos e lendas dos taulipangue e arecuná. Parece que o livro é uma coleção de histórias sobre Brasil.

Andrade aborda o mito das três raças, volta (de forma diferente) à ideia que propõe Gilberto Freyre na obra *Casa-Grande & senzala* onde se proporciona uma nova interpretação sobre a inferioridade racial no Brasil e valoriza as raízes étnicas do país. Apresentam-se tradições indígenas, africanas e portuguesas, mas de forma irônica, paródica e humorística.

A obra se escreveu em seis dias numa férias de fim de ano em dezembro de 1926, depois foi corrigida até sua publicação em 1928. Este livro foi pensado, pela crítica

literária, como o máximo expoente do nacionalismo brasileiro devido à originalidade do autor de criar esse novo mito do ser brasileiro a partir da ironia, do sarcasmo, dos jogos de linguagem, da oralidade, da mistura de registros.

A construção da personagem

O herói recebeu o nome de Macunaíma pelo relato do herói do Caribe publicado por KochGrünberg. Etimologicamente, o nome contém o termo “Maku” que significa mau e o morfema “ima” que expressa: grande, por isso Macunaíma pode ser um indivíduo muito malvado da literatura brasileira, mas na leitura da obra observamos que esse não é o traço principal do herói. Fica claro assim, desde o título da obra, o eixo antropofágico proposto desde os manifestos modernistas de Oswald de Andrade. O nome do herói, assim como muitas das personagens e das ações do romance foram extraídas do livro de KochGrünberg, *Von Roraima zum Orinoco: Ergebnisse einer Reise in der Nordbrasilien und Venezuelain den Jahren 1911-1913*, cujo segundo volume está dedicado aos mitos e lendas dos taulipangue e arecuná.

O livro de Andrade começa com o nascimento do herói, sua descrição e características: preto retinto, criança feia, filho de uma índia tapanhumas (tribo legendária de ameríndios do Brasil de pele negra) sem pai, nasceu na noite no fundo do mato-virgem; desde o início o autor põe a problemática das misturas de raças e leva em conta a heterogeneidade do Brasil e de suas raízes. Além disso, na apresentação da personagem, já está estabelecido que ele é “o herói de nossa gente” e que vai ser narrada sua história. A mesma divindade Rei Nagô avisa que o herói era inteligente. Mas temos que levar em conta que este não é um herói próprio das mitologias gregas e romanas, Macunaíma tem poucas virtudes, como bem explica Darcy Ribeiro no liminar do livro:

Este outro gênero de herói, o trickster, o insólito, que se encontra com tanta frequência nas nossas mitologias indígenas. São uns gozadores que mentindo, maliciando, enganando, artreiros e treteiros, atribuem inteligência à ingenuidade do herói principal. (XIX)

Macunaíma joga o tempo todo com as outras personagens do livro, sempre está mentindo ou fazendo brincadeiras para elas: com a comida no principio do livro, no

episódio com Ci engana seus irmãos para que eles o ajudem a ganhar-lhe, embaça sempre os opositores para vencê-los em seus combates.

Outro ponto na descrição de Macunaíma está relacionado com uma questão linguística: a personagem não falou até os seis anos, só dizia; “Ai!, que preguiça!” Neste ponto podemos observamos o jogo com o preconceito sobre os brasileiros que não gostam de trabalhar, que já mencionamos com anterioridade no mito de Jeca tatu de Monteiro Lobato. Também, em relação à língua, destacamos o uso dela por parte da personagem, já que percebemos os traços próprios da oralidade, e isso leva os brasileiros a identificar-se com a personagem e poder pensar que é um representante do povo.

Outro traço relevante em relação ao mito, aos deuses e aos heróis clássicos é a capacidade de metamorfose, não só do Macunaíma, mas também de outras pessoas, animais e objetos das lendas da região. No primeiro capítulo vira um príncipe fogoso e joga com sua cunhã Sofará; no segundo capítulo muda o corpo e fica como um homem taludo, e também vira formiga e pé de urucum; vira francesa, etc. Ao longo do livro muda tantas vezes de forma que não podemos citá-las todas.

Este herói vai fazendo proezas, algumas não são reconhecidas como quando caça uma anta e o irmão lhe dá só as tripas para que ele coma, quando se salva do Currupira, ou quando finalmente mata o gigante. A forma de conseguir as façanhas podem ser questionadas, mas sempre, ou em geral, sai vitorioso.

Além disso, Macunaíma, como herói, tem um anti-herói: Venceslau Pietro Pietra com o qual lutará em todo o romance para procurar o objeto perdido. Vemos os roles actanciais próprios dos mitos clássicos.

Como todo herói clássico, Macunaíma é um ser sobrenatural, e percebemos isso nas metamorfoses, mas também em outros atos, como por exemplo, no capítulo de Maioridade quando muda o lugar onde está com a mãe passando fome:

Macunaíma pediu para ela ficar mais tempo com os olhos fechados e carregou tejupar marombas flechas piquás sapiquás corotes urupemas redes, todos esses trens para um aberto do mato lá no teso do outro lado do rio. Quando a velha abriu os olhos estava lá e tinha caça de peixes, bananeiras dando, tinha comida de mais (16).

Encontramos outro fato paradigmático quando o herói volta da morte. Ele é caçado e picado pelo gigante e depois seu irmão o ajuda: “Lá chegando o cesto de pé assoprou fumo nele e Macunaíma veio meio pamonha ainda, muito desmerecido, do meio das folhas...” (45).

Ele é apresentado com traços de herói e anti-herói, já que é um insaciável, imprudente, perverso, mentiroso, covarde, egoísta, sem escrúpulos; mas também inteligente e esperto. O melhor exemplo sobre a astúcia do herói é o engano final para matar o gigante e recuperar a Muiraquitã: “-Então aceito porém você vai primeiro, gigante. Piaimã insistiu mas ele sempre falando pro gigante balançar primeiro. Então Venceslau Pietro Pietra amontou no cipó e Macunaíma foi balançando cada vez mais forte” (134), até que o gigante cai na macarronada fervendo.

Macunaíma mostra ao longo do romance ser um personagem contraditório, sempre jogando com os limites e atuado de um lado e do outro do bem e do mal, como quando leva sua mãe para outro lugar com comida e porque ela quer compartilhar com seus outros filhos, Macunaíma decide voltar ao espaço de fome, prefere não ter comida que dividir com os manos.

Podemos falar no livro de uma crise da personagem, que era Imperador do Mato-Virgem e abandona suas raízes após a morte do filho. Macunaíma, junto a seus irmãos, vai para São Paulo para procurar sua muiraquitã perdida e fala da cidade como um lugar de trabalho, e antes de partir ele deve deixar sua consciência “no outro dia Macunaíma pulou cedo na ubá e deu uma chegada até a foz do rio Negro para deixar a consciência na ilha de Maratapé” (36), como percebendo as coisas que ia que ter que fazer na cidade, já que Macunaíma é corrompido pelo mundo e perde a identidade.

Um traço essencial na personagem de Macunaíma é a mistura de raças e o jogo com o mito das três raças. Ele é um índio negro, que no capítulo cinco do livro por umas águas embranquece, realizando assim o desejo de virar homens brancos que esteve presente no discurso dominante na história do País: “Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele” (37). É importante destacar que esse fato é visto de forma positiva, até seus irmãos tentam

também virar brancos. Mas também participa no capítulo sete de uma macumba, prática religiosa com raízes afro-brasileiras que se misturou com elementos ameríndios, do catolicismo, do espiritismo, do ocultismo, etc. Observamos a participação do herói nesse ritual com a finalidade de pedir aos deuses uma vingança do gigante.

Conclusão

Para concluir, podemos afirmar que o herói se converte na definição de seu povo que também procura sua identidade e comete erros constantes, como afirma Ribeiro (1995):

Ser Macunaíma, o herói de nossa gente, a meu juízo, só pode ser porque ele veste a carne que nos veste; porque é a carapuça que nos cabe, a nós brasileiros. Falo, é claro, não de nós, do clube dos contemplados, mas do brasileiro-massa, povão, desde sempre humilhado e ofendido, que, aparentemente, é toda uma contradição. (XIX)

A personagem de Macunaíma foi construída na mistura de traços negativos e positivos, se criou um ser ambíguo que pode transformar seus defeitos em virtudes e sair airoso de muitas situações que se lhe apresentam.

Mário de Andrade escolhe apresentar o ser brasileiro desde um romance onde se relata a vida de uma personagem de forma paródica e humorística, e com esses recursos pode relevar verdades sobre o Brasil. O trabalho de pesquisa etnológica do autor para recolher os mitos e lendas das diferentes regiões do país é importante na criação de uma personagem onde se misturam e se juntam os diferentes traços do ser brasileiro.

Bibliografia

- Andrade de, Mário. (2008). *Macunaíma, um herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Agir.
- Barthes, Roland. (1999). *Mitologías*. Madrid: Siglo XXI.

- Brodeston, Gordon. (1997). *La América indígena en su literatura: los libros de cuarto mundo*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Chauí, Marilena. (2001). *Brasil – Mito fundador e sociedade autoritária*, São Paulo: Perseu Abramo.
- Eliade, Mircea. (1991). *Mito y realidad*. España: Labor.
- García Canclini, Néstor. (2004). *Diferentes, desigualdades y desconectados. Mapas de la interculturalidad*. Barcelona: Gedisa.
- Goncalves, Maria Alice R. (1996). “Brasil, meu Brasil brasileiro: notas sobre a construção da identidade nacional”. En *Educação e Cultura: pensando em cidadania*. Goncalves, Maria Alice R. (Org.) Rio de Janeiro: Quartet.
- Holanda, Sérgio Buarque de. (1993). *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Lévi-Strauss, Claude. (1990). *Mito y significado*. Madrid: Alianza Editorial.
- Malinowski, Bronislaw. (1974) *Magia, Ciencia, Religión*. Barcelona: Ed. Ariel.
- Monteiro Lobato. (1972). *Urupês*. São Paulo: Brasiliense.
- Pacheco Neto, Manuel. (2011). *Heróis nos livros didáticos: bandeirantes paulistas*. Dourados: UFGD.
- Reis, José Carlos. (1999). *As identidades do Brasil – De Vanhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas.
- Ribeiro, Darcy. (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras.
- Vernant, Jean Pierre. (1994). *Mito y sociedad en la Grecia antigua*. Madrid: Ed. Siglo XXI.